

JY COLAS  
F-2



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor  
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade  
FERNANDO FERREIRA COSTA

EDITORA  
UNICAMP

Conselho Editorial  
Presidente  
PAULO FRANCHETTI

ALCIA PÉCORA - ANTONIO CARLOS BANNWART  
ARLEY RAMOS MORENO - JOSÉ A. R. GONTIJO  
LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI - RICARDO ANIDO  
SEDI HIRANO - WILSON CAND

ORGANIZAÇÃO

CLÉLIA CÂNDIDA ABREU SPINARDI JUBRAN  
INGEDORE GRUNFELD VILLAÇA KOCH

GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS  
CULTO FALADO NO BRASIL

VOLUME 1  
CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO

EDITORA UNICAMP

Um outro campo de estudos focalizado pelo grupo foi o de mecanismos de organização textual, especificamente o dos *marcadores discursivos*. A equipe responsável por seu estudo estabeleceu um núcleo-piloto de traços que identificam um marcador, bem como matrizes básicas de associações de traços estáveis que configuram marcadores discursivos. Em relação a essas matrizes, desenha-se, conforme o preenchimento ou o grau de distanciamento de seus traços, um contínuo em que são dispostos seqüencialmente três conjuntos de elementos: o de marcadores prototípicos, que incorporam de modo uniforme e integral os traços de alguma das matrizes, o de marcadores não-prototípicos, constituído por unidades que se afastam parcialmente das matrizes-padrão, e o de unidades limítrofes, que podem afetar inclusive a configuração do núcleo-piloto, mas que estão passando por um processo de discursivização, em direção à classe dos marcadores.

Ao encerrar esta agenda de pesquisas, o Grupo de Organização Textual-Interativa tem a certeza de que não contemplou a riqueza de dados sobre língua falada que se foram revelando ao longo das investigações. O grupo procurou, neste volume, abarcar tópicos que considerou significativos para particularizar a construção do texto falado, sob uma perspectiva teórica que privilegiava o seu processamento formulativo-interacional. E espera que os trabalhos aqui publicados possam desencadear muitos outros estudos.

PARTE I

DA NATUREZA DO TEXTO FALADO

## ESPECIFICIDADE DO TEXTO FALADO

Ingedore Grunfeld Villaça Koch\*

### Preliminares

O conceito de texto como unidade sociocomunicativa, que ganha existência dentro de um processo interacional, é comum a textos escritos e falados; porém, para uma concepção mais precisa destes últimos, cabe levar em conta, no mínimo, dois aspectos:

- a) o próprio fato de serem falados;
- b) as contingências de sua formulação.

O fato de ser o texto falado produzido numa situação face a face favorece a dialogicidade, entendida, em sentido restrito, como a dinâmica de alternância de turnos na interação. Subentende-se, pois, que, quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade, sendo a conversação o exemplo prototípico.

Por outro lado, a situação face a face pode também propiciar textos nos quais as interações apresentam grau de dialogicidade bem menor. É o que ocorre, por exemplo, quando, num contato que envolve dois interlocutores, um deles domina ou monopoliza totalmente o turno, discorrendo sobre um tema ao qual ambos voltam a sua atenção. Mesmo em situações em que o grau de troca de turnos é reduzido ou mesmo nulo, tratar-se-á de um texto dialógico, de língua falada.

Já em sentido amplo, a dialogicidade é um correlato de toda e qualquer interação, consistindo, pois, em característica intrínseca de todo texto, em razão

---

\* Universidade Estadual de Campinas.

de seu caráter sociocomunicativo e da *heterogeneidade constitutiva*, condição de produção de todos os textos (Authier-Revuz, 1982).

## 1. Co-produção discursiva

Todo texto é resultado de uma co-produção entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal co-produção se realiza. No texto escrito, a co-produção se resume à consideração do Outro para o qual se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração lingüística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Conseqüentemente, inexistem marcas explícitas de atividade verbal conjunta. A dialogicidade aqui se estabelece por meio de uma relação "ideal", em que o escritor desempenha o papel que lhe cabe, enquanto produtor do texto, assumindo, também, a perspectiva do leitor. No texto falado, por estarem os interlocutores co-presentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de co-autoria, refletido, na materialidade lingüística, por marcas da produção verbal conjunta.

É preciso, contudo, salientar diferenças de grau de manifestação da co-produção discursiva, segundo o teor mais dialógico ou menos dialógico do texto: no caso do *corpus* do Projeto NURC, com o qual trabalhamos, temos uma escala em ordem decrescente de dialogicidade e, portanto, de co-produção verbal ativa, indo dos Diálogos entre Dois Informantes (D2), passando pelos diálogos entre Informante e Documentador (DID) e chegando às Elocuções Formais (EF).

No fragmento de conversação abaixo, extraído do Inquérito D2 SP 360, podem ser observadas algumas das marcas de co-participação das interlocutoras envolvidas na construção desse texto.

(1)

L1 - ( ) ... e há uma certa:: u/uma certa aversão ... à:: à entrada de muita mulher na carreira de procuradora do Estado ... porque:: ... as mulheres se acomodam com o salário baixo que se percebe

L2 - certo

L1 - então ... na:: nas assembléias:: que são convocadas ... o:: ...

L2 - ( )

[

L1 - os rapazes be::rram e berram porque to/ ... na sua maioria são pais de família então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem ... e::: as mulheres são voto assim meio neutro elas:: s/são meio ausentes na hora de:: lutar pelos vencimentos

[

L2 - *começa que quase nem comparecem*

L1 - é

L2 - né?

L1 - então na hora de lutar pelos vencimentos elas ... são

[

L2 - (é)

L1 - quase que ausentes porque para elas é muito bom ... não é? para elas aquele ... eh:: ordenado é ótimo ... MAS Para um homem não é então quer dizer que há uma certa ... ah pressão no sen/ ah da parte dos homens no sentido de não deixar as procuradoras ... ah::

[

L2 - *certo*

L1 - entrarem na carreira ... o/ não é certo mas enfim ... elas ah::

[

L2 - *(eu acho que a coisa) é*

*humana ((risos)) né?*

[

L1 - *é humano né? a::*

L2 - *é humano*

(D2 SP 360: 681-710)

Nesse final do segmento (1), L2 introduz-se na fala de L1, para emitir o juízo de valor (*eu acho que a coisa) é humana*, a respeito das ponderações anteriores de L2. Na seqüência, tal juízo de valor é confirmado por L1 e reconfirmado por L2, numa relação dialógica de acordo expressa pelo recurso à *repetição*,<sup>1</sup> na sua modalidade de heterorrepetição: uma falante repisa o que a outra disse. Com isso, elas parecem ficar patinando no mesmo ponto, o que acarreta um ralentamento do escoamento do fluxo informacional. Esse fato não deve receber, entretanto, uma avaliação negativa, nesse caso de texto falado conversacional, porque a repetição, longe de se colocar como uma trava temática supérflua, tem aí uma função pragmática importante, que é a do consenso entre as interlocutoras. É pela heterorrepetição que a concordância, estabelecida no

<sup>1</sup> Ver parte 3, cap. 6.

plano interacional, se projeta no texto, tornando as interlocutoras, pelo acordo firmado, co-responsáveis e co-autoras do juízo de valor expresso.

Outra marca de atuação mútua das interlocutoras na produção do texto está na fala de L2 *começa que quase nem comparecem*, com a qual essa locutora colabora na elaboração do *tópico discursivo*<sup>2</sup> que está sendo focalizado por L1, com a introdução de uma informação pertinente às que estavam em curso, sobre a pouca participação das mulheres nas assembleias de procuradores. Essa concentração das duas interlocutoras no desenvolvimento de um mesmo tema, manifestada na superfície textual por meio da alternância de turnos, evidencia a especificidade de co-produção ativa dos participantes do ato comunicativo na construção do texto falado.

Além de fatos dessa ordem, em que um locutor prossegue o que é dito pelo outro, há ainda indícios de co-autoria, dados por marcadores discursivos do ouvinte. Os *marcadores discursivos*<sup>3</sup> são muito frequentes no texto falado, e com funções bastante variadas. Dentre elas, pode ser destacada, no segmento (1), a de o ouvinte ir sinalizando, para o falante, como é que ele está reagindo ao que está sendo dito. Como, nesse trecho de conversação, as duas interlocutoras estão muito solidárias, os marcadores nele registrados indicam concordância quanto às informações veiculadas, o que, inclusive, incentiva a locutora que detém o turno a continuar falando. É o caso, no segmento (1), do *certo*, proferido em dois momentos por L2, e do *é*, dito por L1, acatando a fala de L2 *começa que quase nem comparecem*, acima comentada. E, no segmento (2), abaixo, ocorre o *ahn*, no primeiro turno de L2, confirmando os comentários anteriores de L1 e sinalizando o acompanhamento, da parte de L2, do que está sendo falado pela sua interlocutora.

Um fato singular das interações faladas é o de o falante receber ajuda explícita do ouvinte, para complementar um enunciado que está processando. Diante de uma *hesitação*<sup>4</sup> do locutor quanto à escolha de uma palavra, por exemplo, que dê prosseguimento à sua fala, o interlocutor vem em seu auxílio, fornecendo-lhe uma opção lexical. É o que pode ser visto em (2): L2 inicia um enunciado, hesita na sua continuidade — o que pode ser atestado pela repetição de *mais ou menos* —, e L1 assalta-lhe o turno e completa a frase, com a palavra que

<sup>2</sup> Ver parte 2, cap. 3.

<sup>3</sup> Ver parte 4, cap. 12.

<sup>4</sup> Ver parte 1, cap. 2.I.

lhe parece mais adequada (*cerceada*), a qual é imediatamente referendada por L2, numa demonstração de aceitação da colaboração de sua interlocutora.

(2)

L1 – tinha-se esperanças ... em que dona Ana Cândida tendo assumido a procuradoria geral do Estado ... em ela sendo mulher ... que ela defendesse um pouco mais a:: a classe não?

L2 – *ahn*

[

L1 – mas ...

L2 – mas eu tenho a impressão que ela acabou se vendo mais

[

L1 – ( )

L2 – ou menos numa ( ) mais ou menos ( )

[

L1 – *cerceada, não é?*

L2 – *cerceada* [...]

(D2 SP 360: 726-36)

## 2. Contínuo fala-escrita

A observação de fatos específicos de texto falado, como, por exemplo, os acima levantados, mostra que, embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema lingüístico, fala e escrita são duas modalidades de uso da língua, possuindo cada uma delas características próprias; isto é, a escrita não constitui mera transcrição da fala.

Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual se situam ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial (Marcuschi, 1995; Koch e Oesterreicher, 1990; Halliday, 1985; Koch, 1992a, 1997). É Marcuschi (1995, p. 13) quem escreve: “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”.

Para situar os diversos tipos de texto ao longo desse contínuo, Koch e Oesterreicher (1990) sugerem a utilização, além do critério do *medium*, oral ou escrito,

do critério da proximidade/distância (física, social etc.); Chafe (1985a), por seu turno, leva em conta o envolvimento maior ou menor dos interlocutores; Halliday (1985) postula que, enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado, ao contrário do que se costuma afirmar, possui maior complexidade sintática.

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Foi com base na visão dicotômica acima mencionada que se estabeleceram, inicialmente, as diferenças entre fala e escrita, entre as quais as mais frequentemente mencionadas são as seguintes:

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
predominância do <i>modus</i> pragmático	predominância do <i>modus</i> sintático
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena freqüência de passivas	emprego freqüente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Na realidade, porém, o que ocorre é que:

- nem todas essas características são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades;
- tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita (isto é, costuma-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição de linguagem.

### 3. Características próprias da fala

É evidente, contudo, que a fala possui características próprias, entre as quais as que são apresentadas abaixo (cf., por exemplo, Koch, 1992a, 1997; Koch et al., 1990):

- é relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo lance do jogo da linguagem;
- o texto falado apresenta-se *em se fazendo (in statu nascendi)*, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a pôr a nu o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções, modificar o plano previamente traçado, no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho;
- o fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância;
- o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua (Marcuschi, 1986; Koch, 1992a, 1997);

e) a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto dinâmica. Halliday (1985, p. 74) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme. Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página — por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele *acontece*, viajando através do ar — por trás dele é como se existisse não um quadro, mas um filme.

Além disso, conforme já frisamos, em situações de interação face a face, o locutor que, em dado momento, detém a palavra não é o único responsável pela produção do seu discurso: em se tratando de uma atividade de co-produção discursiva, os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só procuram ser cooperativos, como também co-negociam, co-argumentam (Marcuschi, 1986), a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor.

Durante o processo de produção do texto falado — salvo exceções como a conversa telefônica, gravações, programas radiofônicos e de televisão, por exemplo —, os interlocutores se encontram *in praesentia*, num mesmo tempo, e partilham um mesmo espaço físico, onde estão presentes muitos dos referentes de que o discurso irá tratar. Além disso, como foi dito acima, o processamento do texto nessas circunstâncias tem de ser simultâneo (*on-line*) à sua verbalização.

Por fim, como é a interação (imediate) o que importa, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe. São elas que, em muitos casos, obrigam o locutor a sacrificar a sintaxe em prol das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, não só de falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, mas também de inserções, repetições e paráfrases, que têm, freqüentemente, funções cognitivo-interacionais de grande relevância.

Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz desta que deve ser descrito e avaliado. É essa estruturação que vai ser objeto dos capítulos subseqüentes deste volume.

## FENÔMENOS INTRÍNSECOS DA ORALIDADE

### Introdução

A construção do texto falado no decorrer do processo interacional face a face acarreta descontinuidades na progressão textual, dando mostras da simultaneidade entre planejamento e verbalização.

Dentre as descontinuidades observáveis no texto, duas constituem-se como fenômenos específicos da oralidade, já que se manifestam em todos os gêneros de textos falados e não são constatados em textos escritos prototípicos. São elas a *hesitação* e a *interrupção*, que não são propriamente estratégias de construção textual, mas atividades de processamento do texto, ligadas à sua emissão. Ambas sempre indiciam formulações prospectivas, sinalizando busca de alternativa de formulação.

De modo geral, as hesitações têm a função de ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores. Já a interrupção tem diferentes finalidades, pois cortes sintáticos ou lexicais são efetuados pelos falantes com o propósito de introduzir, na progressão do texto, reformulações do que foi dito ou inserções de dados informacionais ou contextuais necessários à compreensão do que está sendo dito.

Essas funções da hesitação e da interrupção não são excludentes, uma vez que os locutores, ao perceberem a necessidade de uma reelaboração do que acabaram de verbalizar ou de um acréscimo de dados, tendo em vista seus objetivos comunicativos, podem interromper um segmento textual em processamento e simultaneamente hesitar, enquanto replanejam o próximo lance de sua fala. Conseqüentemente, hesitação e interrupção podem ocorrer no mesmo ponto do desenrolar do texto falado.

Este capítulo compreende duas partes: a primeira relativa à hesitação, e a segunda à interrupção.

## HESITAÇÃO

Luiz Antônio Marcuschi\*

### Preliminares

Considerar a hesitação como objeto de investigação demonstra, no contexto de uma gramática do português falado, a relevância desse fenômeno lingüístico típico da oralidade. O princípio segundo o qual a hesitação faz parte apenas do *uso* e não do *sistema formal* da língua fundamenta-se na concepção de língua como uma entidade que existe em si e por si. Estudos formais da língua são redutores quando idealizam os materiais analisados, eliminando, por uma suposta irrelevância, aspectos tipicamente discursivos, tais como a hesitação, as interrupções, as repetições, as correções, as inserções, os marcadores discursivos.

Partindo do pressuposto de que analisar a língua é analisar também usos, adota-se aqui a posição de que a hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante. Embora não se possa defender que a hesitação tenha funções tais como outros aspectos da oralidade, pode-se dizer que ela desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano do processamento e não no da formulação textual. Além disso, a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída na estrutura organizacional do enunciado, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve também como indicação de organização sintagmática da língua, tal como se verá adiante.

\* Universidade Federal de Pernambuco.

Produzida tanto no nível supra-segmental (pela prosódia) como no nível segmental (com elementos formais da língua), a hesitação manifesta a presença de atividades discursivas na materialidade lingüística, evidenciada numa transcrição não editada da fala.

### 1. Características da hesitação

No geral, a hesitação tem como característica básica o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos sintática e prosodicamente desmotivados, mas que não são aleatórios. Em suma, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente. Assim, fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos.

A hesitação só é detectável no decurso das atividades comunicativas, caracterizando-se como a manifestação de atividades discursivas na superfície lingüística do texto falado. É um mecanismo presente em todas as línguas, que permite introduzir no próprio discurso o processo de formulação prospectiva (Koch e Oesterreicher, 1990, p. 60). Assim, a hesitação diz respeito ao *como se está falando* e não ao *que se fala*, não constituindo, pois, uma contribuição proposicional. Não obstante isso, parece perfeitamente possível observar a relação da hesitação com o *status* informacional dos elementos lingüísticos em cujos contextos ou fronteiras ela ocorre. Tem um papel pragmático considerável e não passa despercebida pelos falantes.

Em suma, a hesitação revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on-line* de formas e conteúdos. Isso quer dizer que a hesitação é sobretudo um fenômeno de processamento.

### 2. Aspectos formais

As hesitações materializam-se por meio de determinados fenômenos como os seguintes:

- a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas, e alongamentos vocálicos;
- b) expressões hesitativas: *éh, ah, ahn, mm*;
- c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação;
- d) itens lexicais: substantivos, advérbios, adjetivos, verbos;
- e) marcadores discursivos acumulados: *sei lá; quer dizer sabe; então né ah* etc.;
- f) fragmentos lexicais: palavras iniciadas e não concluídas.<sup>1</sup>

Esses fenômenos não formam uma tipologia das hesitações. São apenas as diversas marcas empíricas de sua materialização.

A listagem aqui feita merece algumas explicações antes de procedermos à sua identificação:

- i) Note-se que os grupos (c) e (d) constituem-se tanto de elementos com os quais se hesita quanto de elementos sobre os quais incidem outros fenômenos de hesitação. Isso quer dizer que uma hesitação marcada por fenômenos prosódicos, fragmentos lexicais ou expressões hesitativas ocorre, por vezes, como sintoma de busca de um elemento funcional ou um item lexical, mas por vezes realiza-se com esses elementos. Os dois níveis de observação devem ser distinguidos claramente.
- ii) Com relação à sua constituição interna, é relevante observar que uma hesitação pode dar-se com vários elementos da lista acima, acumulados ou repetidos. No geral, temos dois elementos concorrendo para a construção de uma hesitação. Por exemplo, uma preposição alongada e repetida como neste caso: *comentário de:: de: de*. Temos aqui uma hesitação, mas quatro ocorrências de elementos lingüísticos, ou seja, dois alongamentos (grupo a) e uma preposição duplicada (grupo c). Em outros casos, uma hesitação pode constituir-se com um único elemento, por exemplo, um artigo, uma preposição ou um pronome (grupo c): *cê vai ... cê vê em Londres cê cê olha um mapinha*. Apesar de ocorrerem dois *cê*, um deles é sua presença necessária e regular na estrutura e o outro é hesitativo.

<sup>1</sup> Nesse caso, o corte lexical, tratado na parte sobre "Interrupção", neste capítulo, ocorre juntamente com a hesitação.

Vejamos alguns aspectos gerais sobre cada um dos conjuntos de fenômenos identificados acima.

## 2.1 Fenômenos prosódicos

### 2.1.1 Pausas

Nem todos os silêncios são pausas, nem todas as pausas são hesitações. Assim, os silêncios interturno (também conhecidos como *switching pauses*) em geral não são pausas, mas uma manifestação discursiva que pode constituir até mesmo um turno (no caso de um falante permanecer em silêncio na sua vez de fala). Os silêncios intraturno, com uma certa duração e no contexto de um padrão entoacional característico (reiteração de pausas), são prováveis hesitações, sobretudo se vierem em contextos sintáticos ou junções fonêmicas em que não é prevista a pausa. Nesse caso, contrastam com as chamadas pausas de juntura que aparecem entre grupos fonêmicos ou nas fronteiras sintáticas entoacionalmente marcadas e que não formam hesitações.

Parece que a posição da pausa é relevante para determinar se sua ocorrência se deve a uma atividade de planejamento sintático (pelo tipo de estrutura rompido) ou de busca de um item lexical (pela baixa predizibilidade do item procurado). Tomemos o exemplo a seguir:

- (1)
- 1 Doc. - e o que a senhora considera uma boa peça teatral? (1,6)
- 2 e o que
- 3 Inf. - eu ach/
- [
- 4 Doc. - que ela precisa conter?
- 5 Inf. - (2,5) conter? ... eu acho que o o (2,8) como é que eu vou dizer?
- 6 o que:: (2,5) sei lá (2,8) o que mais a peça nos chama a atenção é o
- 7 o o:: (1,0) o enredo da peça (0,5) ah ahn os artistas bons porque às
- 8 vezes né (0,6) eu tenho gostado mas (1,6) eu acho que assisti:: (2,2)
- 9 você sabe que não guardo nome mas eu assis/ eu
- [
- 10 Doc. - não o nome da peça não importa  
(DID SP 234: 132-43)

Nesse segmento, com duração de 39 segundos, temos precisamente 18,1 segundos (46,4%) de silêncios acumulados com outras formas de manifestação de hesitações que também servem para preencher pausas. Nota-se a dificuldade que a Informante tem de expressar sua opinião. Na linha 1, a Documentadora entrega o turno à Informante, que por sua vez demora 1,6 segundo para tomar a palavra, levando assim a Documentadora a apreciar isso como dificuldade. Daí sua tentativa de ir em socorro com mais explicitude na linha 4. Mesmo assim, a Informante demorou 2,5 segundos para tomar seu turno na linha 5 e prosseguiu com várias hesitações ao longo de todo o turno. Observe-se que a Documentadora lançou um novo tópico difícil para a Informante, que estava indecisa na localização do foco de sua abordagem. Trata-se de uma dificuldade de planejamento cognitivo refletida na execução lingüística. Ilustrativa é aqui a seqüência das linhas 5 e 6 com várias hesitações, sendo uma delas com um marcador metacomunicativo que expressa sua dificuldade *como é que eu vou dizer o que::* (2,5) *sei lá* (2,8).

### 2.1.2 Alongamentos vocálicos

Quanto ao alongamento vocálico, temos algumas questões bastante complexas. Em primeiro lugar, é bom lembrar que nem todo alongamento da vogal é uma hesitação. Há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, freqüentes sobretudo na formação de listas, tal como se observa neste exemplo, em que os alongamentos vocálicos não são hesitações, e sim uma estratégia prosódica de coordenação rítmica:

(2)

- 1 Doc. – quais os cuidados que: ... você deve ter?
- 2 Inf. – com o cavalo? um: um ... fricote danado ... bom ... cavalo come ... capim ... mas
- 3 deve comer também ... éh: *vitami::nas raçõ::es* essas coisas ... e se eu não me
- 4 engano sal também ... pelo menos com o boi ... come sal ... e tem que escovar ...
- 5 todo dia tem que escovar pra um lado pro outro pra um lado pro outro com uma
- 6 escovinha especial ... tem que ter cuidado com:: *parasi::tas* ... tem que ter
- 7 cuidado com *inse::tos carrapa::to* essas ... coisas que dá no pêlo de::le tem que
- 8 sair pra *passa::r* tem que *exercita::r* fazer *exerci::cio* ...

(DID REC 150: 144-50)

O acúmulo de alongamentos registrados nas palavras em itálico, no exemplo acima, é típico da construção de listas e não tem as características de hesitação. Outros alongamentos (geralmente acompanhados de elevação do tom) operam como ênfase. Em geral, quando no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, tal como se nota em (2).

Os alongamentos de vogais com característica hesitativa vêm sobretudo em final de palavra (rompendo a estratégia do alongamento em situação de ênfase ou listagem que se dá na sílaba tônica), principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas, como, no exemplo (2), *que:* (linha 1), *um:* (linha 2), *com::* (linha 6).

### 2.2 Expressões hesitativas

Em geral, estas são as de maior freqüência como formas de hesitação e se constituem de sons que não realizam palavras lexicalizadas. Entre elas estão os *dh*, *eh*, *ahm*, *mm*, quase sempre alongados e preenchendo pausas. Eles são a matéria-prima das pausas preenchidas e representam sons de alta freqüência no português, especializados como hesitativos. Veja-se, por exemplo, a ocorrência de *ah ahn* na linha 7 do segmento (1) e a de *eh* na linha 3 do segmento (2).

Outras línguas também têm seus sons preferenciais e é comum identificarmos um alemão, um americano ou um francês por suas hesitações quando falam português, mesmo que com grande perfeição.

### 2.3 Itens funcionais

A noção de itens funcionais cobre todos os elementos lingüísticos que não têm significação referencial, tal como os artigos, as preposições, as conjunções, os pronomes. Os diversos levantamentos estatísticos realizados mostram que em mais de 50% das hesitações encontramos itens funcionais. Veja-se este exemplo:

(3)

- 1 Inf. – tinha o vidro pra ... *pra ... pra ... pra ...* iluminação *do ... do ... do ...*
- 2 do recinto ... não é? muitas vezes vidros coloridos ... que dava
- 3 um ar assim *de ... de ...* de cafonice altamente simpática ... né ...

- 4 lá ... o sol batia ali ... tinha um vidro colorido ... não é? ((riso)) e  
 5 essa casa era assim ... no fundo da casa tinha um ... um galinheiro ...  
 (DID RJ 233: 79-85)

Por um lado, esses elementos reduplicados são em sua grande maioria monossilábicos e se prestam a esse papel, já que as hesitações se manifestam com palavras curtas, em geral com uma ou duas, no máximo três sílabas, que permitem inclusive a ocorrência de um outro fato hesitativo, como alongamento de vogal no final; além disso, situam-se em posições sintáticas preferenciais para o surgimento das hesitações, ou seja, no momento de construir um sintagma, como é o caso das preposições e dos artigos.

É necessário ressaltar que estão aqui sendo considerados os itens funcionais enquanto elementos com os quais se hesita (pela sua reduplicação, por exemplo), independentemente da possibilidade de incidência, sobre eles, de algum outro fenômeno hesitativo, como os de natureza prosódica.

## 2.4 Itens lexicais

Os itens lexicais são menos frequentes que os funcionais como constituidores de hesitação. Aparecem principalmente os verbos de uma ou duas sílabas em grande parte, como em: *realmente há há um/ maior procura de engenheiros*. Quanto aos advérbios, substantivos e adjetivos, eles ocorrem em número bastante limitado.<sup>2</sup>

Aqui deve ser feita a mesma ressalva já lembrada acima para os itens funcionais, pois os itens lexicais, nesse caso, são os elementos com os quais a hesitação se realiza. E devem ser distinguidos, portanto, dos demais elementos hesitativos que podem recair sobre eles.

## 2.5 Marcadores discursivos acumulados

Esses fenômenos são problemáticos na sua identificação, pois eles se confundem com as demais manifestações da hesitação. Trata-se de marcadores que formam conjuntos que se acumulam num certo momento e realizam-se com

<sup>2</sup> Ver Tabela 3 — Percentuais de ocorrências dos elementos lingüísticos, no item 4 deste capítulo.

marcas prosódicas típicas. Por exemplo: *ah ... ontem eu tava lá assim sabe ... sei lá ... meio cansado*.

## 2.6 Fragmentos lexicais

É bastante comum que um item lexical duvidoso ou de difícil acesso no momento da formulação textual seja objeto de hesitação, sendo produzido um fragmento do mesmo. Geralmente se produz a primeira sílaba se o item tiver mais de duas sílabas, pois a hesitação se dá sempre com itens curtos. Vejam-se estes exemplos de fragmentos lexicais que podem ocorrer como hesitações:

(4)

- 1 Inf. — nós moramos ... quase toda nossa vida na:: no bairro de  
 2 Vila Mariana ... moramos na rua Correia Dias ... dali mudamos pra  
 3 rua Apeninos esquina da:: ... Nicolau de Sousa Queirós ... quando  
 4 a casa foi vendida meu pai então ... *con/ahn*:: estava CONstruindo ...  
 5 uma residência na:: ... rua Gualachos ...

(DID SP 208: 66-64)

(5)

- 1 Inf. — e por último a arrumação das vitrinas ... que ... passou de ser um  
 2 aCúmulo de coisas de objetos mas *al al* acabou elegendo um objeto  
 3 isolado para nele ... para que nele concentrássemos a nossa atenção ...  
 4 desse modo — para Lévi-Strauss — o cubismo ensinou também ... que  
 5 *fi/* no quadro que a figuração do quadro no quadro pode haver

(EF SP 156: 196-206)

Vejam-se mais estes dois casos: *essa ull a última eu não lembro não prefiro ficar assim a a aqui assistindo televisão sabe?* que corroboram a observação acima. Esse tipo de hesitação opera como o prenúncio de uma correção e não como correção, já que esta só pode ser de algo que já veio. A *correção*<sup>3</sup> é, portanto, uma solução a um dado problema de formulação de caráter retrospectivo, em oposição à hesitação, que é produzida na prospectiva.

<sup>3</sup> Ver parte 3, cap. 7.

### 3. Tipos de hesitação

Considerando as observações a respeito das formas pelas quais as hesitações se materializam, tal como apontado de 2.1 a 2.6, e observando alguns aspectos de natureza formal como a organização sintática e de natureza discursiva como o fluxo informacional, poder-se-ia sugerir tipos de hesitação, tais como os abaixo.

#### 3.1 Pausas não preenchidas

São realizadas como silêncios prolongados, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe, conforme se pode ver em 2.1.1.

#### 3.2 Pausas preenchidas

Caracterizam-se por ocorrências de expressões hesitativas (cf. item 2.2) do tipo *éh, hm, ah*, certos alongamentos vocálicos (cf. item 2.1.2) nos casos em que esses alongamentos não recaem em sílabas tônicas nem são funcionais para efeitos expressivos. Por exemplo: *e um professor de São:: SÃO Caetano do Sul ... éh:: ... ele dá aula:: ... no serviço social*. Em geral os alongamentos hesitativos vêm seguidos de pausas breves.

#### 3.3 Repetições hesitativas

São repetições como as registradas em (2.3), (2.4) e (2.5), julgadas não-significativas semanticamente, geralmente repetição de itens formais, tais como: *a última peça foi com aquelas aquela aquela artista; de acordo com o que ele tá ... tá fazendo*.

#### 3.4 Falsos inícios<sup>4</sup>

São todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados com elementos do tipo (2.3), (2.4), (2.5) e (2.6), tais como os exemplos a seguir:

<sup>4</sup> Os falsos inícios conjugam a hesitação e a interrupção, sendo vistos como cortes sintáticos na parte deste capítulo relativa à "Interrupção".

- *agora eu tenho ul a as minhas amigas vão vão*
- *depl antes de Hair eu assisti um outro uma outra peça*
- *essa úll a última eu não lembro*

Não se tome, no entanto, essa relação como uma classificação, pois isso seria redutor demais, embora com essas poucas categorias se possa analisar a maioria dos fenômenos de hesitação.

### 4. Frequência das hesitações

Uma análise de 11 textos do Projeto NURC (selecionados 21 minutos de cada um para estudo, com o objetivo de homogeneizar o volume de fala, já que os eventos são desiguais em tempo, nas coletas originais) deu os resultados gerais apontados na Tabela 1, que registra as quantidades de hesitações encontradas:<sup>5</sup>

Tabela 1  
Ocorrências de hesitações em 231 minutos de fala

Textos	Quantidade de textos	Hesitações
NURC D2	6	408
NURC DID	2	178
NURC EF	3	101
Total	11	687

Considerando que as hesitações em geral se constituem de vários elementos acumulados ou repetidos, teremos mais ocorrências de fenômenos lingüísticos, listados de (2.1) a (2.6), que de casos de hesitações. Diante disso, verificamos que, para as 687 ocorrências de hesitações, temos a presença de 1.283 elementos formalmente identificáveis na estrutura de superfície.

<sup>5</sup> Foram excluídas desse levantamento as pausas não preenchidas, pela dificuldade de identificá-las com segurança sem instrumentos de medidas acústicas. Também não foram contabilizados casos considerados idiossincráticos, com mais de dez hesitações por minuto.

A Tabela 2 traz os totais para cada um dos fenômenos identificados. Note-se que esses números não correspondem à quantidade de hesitações, e sim de elementos que entram na sua composição.

Tabela 2  
Frequência dos elementos de hesitação em cada grupo

Categorias	Nunc D2	Nunc DID	Nunc EF	Totais
a) Manifestações prosódicas				
alongamentos vocálicos	217	92	54	363
b) Expressões hesitativas				
ch, éh (repetidos ou não)	58	14	13	85
ah	28	7	1	36
ahn	7		3	10
c) Itens funcionais				
artigos	103	47	17	167
preposições	95	35	9	139
conjunções	66	16	9	91
pronomes	51	27	10	88
verbos de ligação	34	7	3	44
d) Itens lexicais				
substantivos	12	14	9	35
verbos	40	15	8	63
adjetivos	4		5	9
advérbios	21	19	4	44
e) Marcadores acumulados	29	6	1	36
f) Fragmentos lexicais	50	11	1	72

Considerando os três gêneros de texto trabalhados, DID, D2 e EF, observa-se uma notável consistência quanto à frequência de fenômenos. Dois fatos saltam à vista de imediato:

- a expressão hesitativa por excelência da língua portuguesa falada é o *eh* ou *éh*, que aparece com o maior percentual em todos os textos e níveis de formalidade;
- a classe de palavras de menor incidência de hesitação em todos os gêneros de texto e graus de formalidade textual é o *adjetivo*, que em muitos casos nem sequer ocorre.

Um dado interessante nesse contexto é a presença de itens funcionais nas hesitações, com um total de 529 itens ( $529/1.283 = 41,2\%$ ), ao passo que itens lexicais perfazem um total de 151 formas ( $151/1.283 = 11,7\%$ ). O percentual de itens funcionais é revelador e sugere que as hesitações são de fato momentos de planejamento *on-line* que interferem no processamento.

Retirando do total de 1.283 fenômenos identificados os 363 alongamentos de vogais, já que nesse caso eles não constituem um elemento isolado e só se realizam em algum item funcional ou lexical, que já foi contabilizado, as frequências foram, em percentuais arredondados, calculadas com base em 920 ocorrências de elementos.

Observando os percentuais registrados na Tabela 3, notável é o fato de que mais da metade das formas é constituída por *artigos*, *preposições*, *conjunções* e *pronomes*, sobre os quais por sua vez também incidem outros tipos de hesitação, o que revela que esses elementos representam momentos críticos na construção sintagmática.

É interessante considerar os vários elementos lingüísticos nas categorias:

- artigos* — os mais frequentes são os artigos definidos: *olos* (65) e *alas* (46); a estes seguem-se os artigos indefinidos: *um/uns* (31) e *uma/umas* (25). É importante não perder de vista que muitas hesitações são constituídas de vários artigos repetidos, inclusive de artigos masculinos, femininos e indefinidos numa mesma hesitação. Por isso mesmo, esse número tão alto de artigos constitui cerca de 40% de casos de hesitações, ou seja, os 167 artigos só contabilizam uns 80 casos de hesitação, pois eles se acumulam;
- preposições* — a frequência maior é para *deldol/dalidos* (75), em seguida vem *em/nol/nal/num/numa* (25) e depois as demais preposições como: *com*, *pra*, *até*, *a*, *entre*, *sem*, *sobre*. Também aqui temos algo similar ao que ocorre com os artigos, sendo no entanto a relação de ocorrências de hesitações constituídas por preposições levemente inferior ao caso dos artigos. Isso sugere que é mais

Tabola 3  
Porcentuais de ocorrências dos elementos lingüísticos

Elementos lingüísticos	%
Artigos	18
Preposições	15
Expressões hesitativas	14
Pronomes	10
Conjunções	10
Fragmentos lexicais	8
Verbos plenos	7
Advérbios	5
Verbos de ligação	5
Substantivos	4
MDs acumulados	3
Adjetivos	1

fácil encontrar a preposição certa (em caso de dúvida) do que o artigo, já que encontrar o artigo significa ter decidido que nome foi escolhido;

- c) *conjunções* — mais freqüentes foram *e* (41), *que* (30), seguindo-se *mas*, *ou*, *como*, *se*. O número de hesitações constituídas por conjunções apresenta em torno de 30% das ocorrências de hesitações;
- d) *pronomes* — o mais freqüente foi *eu* (36), seguido de *ele*, *você*, *tu* e então outros como os demonstrativos *isso*, *esse*, *aquela* e alguns possessivos como *minha*, *meu*, *sua*.

Essas observações sobre as quantidades e as categorias de elementos constituidores das hesitações conduzem a algumas conclusões:

- i) os itens funcionais são as formas lingüísticas mais freqüentes como material lingüístico para constituir as hesitações;
- ii) há uma expressão hesitativa característica em língua portuguesa: *eh*;
- iii) ao contrário do que estamos acostumados a pensar, as hesitações são menos freqüentes do que as repetições. Estudos de Marcuschi (1992a) sobre as repetições mostram que repetimos uma palavra a cada cinco que falamos;
- iv) constata-se o predomínio das palavras funcionais na construção de hesitações, o que as torna um indicador de planejamento sintático e cognitivo e não uma estratégia de formulação textual.

## 5. Distribuição das hesitações na estrutura sintagmática

No item anterior, foi vista a distribuição da hesitação sob o ponto de vista das formas. Neste, situamos a hesitação na produção lingüística e observamos regularidades sob o ponto de vista estrutural, em termos de posições preferenciais ou canônicas da hesitação. A maioria dos estudos sobre o tema sugere que elas ocupam posições bastante regulares dentro da estrutura lingüística.

Primeiramente, é oportuna uma observação de caráter geral quanto à unidade de análise nesse caso, pois é bastante problemática a observação de fenômenos lingüísticos da fala, tendo por base unidades formais como a frase e outras similares. Não obstante isso, parece possível adotar pelo menos como ponto de partida a noção de frase pela sua alta incidência nesse formato na produção oral. Como mostrou Chafe (1985b) em suas análises a respeito da relação entre fala e escrita, os enunciados da fala e as frases analisadas com base na sintaxe da língua têm um alto índice de coincidência. O autor observa que na fala as idéias são produzidas em blocos não necessariamente longos ou completos do ponto de vista gramatical, mas perfeitamente analisáveis.

### 5.1 Posições típicas

Há uma certa regularidade na distribuição da hesitação relativamente ao contexto sintático. Considerando-se a organização da frase, há cinco posições típicas para as hesitações:

- a) entre o sujeito e o verbo;
- b) entre o verbo e o complemento;

- c) entre o complemento e os adjuntos;
- d) entre um determinante e seus membros constituintes;
- e) entre uma oração e outra.

Efetivamente, a maioria das hesitações distribui-se nesses lugares, tendo algumas preferências, mas também algumas inibições bastante sistemáticas. Pode-se dizer que as hesitações não ocorrem com a mesma intensidade em todos esses pontos. Há uma certa diversidade, em se considerando as categorias gramaticais. Vejam-se, por exemplo, estas brevíssimas considerações preliminares, levando em conta apenas a questão da pausa na sua relação com alguns fatores:

- i) pode-se dizer que uma pausa entre S e V, numa frase, seria uma hesitação, mas sabemos que nem sempre é assim. Por outro lado, as pausas silenciosas e as preenchidas parecem não se equivalerem funcionalmente. Há autores que postulam uma complementaridade entre pausas hesitativas silenciosas e preenchidas, observando que as silenciosas diminuem progressivamente caso tragam conseqüências negativas para o falante, por exemplo, a perda da palavra com maior freqüência;
- ii) também há uma relação entre certas construções sintáticas e a presença maior de pausas, tendo-se observado que construções com relativas têm menos pausas do que construções de grupos nominais ou construções de orações substantivas. Mas tudo indica que não há uma relação direta entre pausa e complexidade sintática, como apontou Goldman-Eisler (1968);
- iii) aspecto interessante, já observado também por Mollica (1984, p. 145), é o de que os pronomes pessoais inibem a presença de pausa. Por outro lado, os determinantes e os itens de função como preposição e conjunção favorecem o surgimento da pausa. Caso haja hesitações no pronome sujeito, isso se dá preferencialmente como alongamento de vogal ou repetição do item;
- iv) a posição da pausa parece ser relevante para determinar se sua ocorrência se deve a uma atividade de processamento sintático ou de busca de um item lexical (devido à baixa predizibilidade do item procurado). Lembremos o já citado exemplo (1), no início deste capítulo, em que se notava a dificuldade de natureza cognitiva (falta de memória) refletida na dificuldade de execução lingüística. Tudo indica que a busca de grupos nominais é um problema sério para os esquecidos dos fatos.

O exemplo (1) é importante porque mostra que não é só na estrutura sintática que se deve buscar a explicação para as hesitações, mas também no aspecto cognitivo e no processamento lingüístico, que têm a ver com a seleção lexical.

De maneira geral, a posição mais freqüente da hesitação se acha no ato da *construção de sintagmas*. Isso permite considerar a hesitação como indicador da dificuldade de construção de constituintes oracionais ou de ligações de constituintes. Por vir no início de estruturas, parece que a hesitação de fato se relaciona com o planejamento lingüístico.

Na perspectiva da organização textual-interativa,<sup>6</sup> esses dados são de extrema importância por insinuarem que os falantes, ao estarem muito atentos aos aspectos relativos à própria interação, se voltam menos para os processos formulativos do conteúdo. As hesitações, ao contrário das repetições, por exemplo, não são estratégias de formulação textual, e sim indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática. Essas características fazem com que a hesitação se distinga de modo bastante claro dos marcadores discursivos, cuja posição canônica é outra, ou seja, no exterior de fronteiras sintagmáticas e desligados das estruturas em que se situam.<sup>7</sup>

## 5.2 Pontos de ocorrência

Na tentativa de corroborar pelo menos em parte o que vimos dizendo, vejamos aqui alguns dos pontos em que as hesitações aparecem:

- a) na construção de grupos nominais:

- i) {artigo} nome:

- numa faixa média *a a: a* comunicação pode ...
- temos certeza de que *o o o* homem precisa ...

- ii) nome {preposição} nome:

<sup>6</sup> Ver "Introdução".

<sup>7</sup> Ver parte 4, cap. 12.

Esse caso é de alta frequência e surge em sintagmas nominais em geral de caráter explicativo. Vejam-se estes casos:

- como conseqüência *de uma de de uma* comunicação
- em termos *de de de* uma crise moral
- tentativa (mundial) *de de de de* arquivamento
- problema *do do do* retrato
- é parecido com a bola *de de de* bilhar

b) na junção do grupo nominal sujeito com o verbo:

i) SN {hesitação} verbo:

- porque se uma emissora *ah:: ...* for transmitir *éh::* Hamlet

ii) ou então quando se põe o sujeito após o verbo, como em:

- e o que é que diz *o o o* Rotary?

c) nas construções verbais transitivas:

Podem ser construções com objeto indireto (preposicionadas) ou com objeto direto (com artigos entre o V e o Comp.):

i) V {prep./art.} N/V inf.:

- estamos *nesse nesse nesse* século
- foram obrigados *a a a* importar
- falando *éh éh éh* com problemas
- chegar *dh dh dh* então à conclusão
- estamos falando agora *af de de de* Gabriel García Márquez
- tiveram *a:: éh: dh* uma crise de cultura
- for transmitir *éh::* qualquer coisa
- você deve *éh::* fiscalizar
- ter *éh éh éh* preocupações
- você liga *sua sua sua seu* aparelho de TV
- tá criando *uma uma cull um* uma criança
- transmitir *éh éh dh* Hamlet

ii) ou alguma variação desse mesmo tipo em que o V tem um circunstancial (de lugar ou de tempo) antes do objeto direto, como em:

- ele estuda em Paris *o os os* o número

d) na construção de sintagmas adjetivais ou adverbiais:

i) N {...} adj.:

- até onde existe uma *uma::* realidade *dh dh dh* objetiva?

ii) adv. {...} N:

- em virtude *do de da do* fato
- junto *da: junto da: junto da* janela
- há cerca *de: ... de de* um ano
- em torno *do da da* doença

e) na junção de orações subordinadas:

Um caso dos mais comuns é o da junção de subordinadas integrantes com *que* ou qualquer tipo de subordinação (no momento de selecionar a conjunção):

i) V {que/conj.} V:

- eu acho *que tá tá tá* em tempo de fazer
- você vai achar *que que que* vai melhorar
- sempre digo *que que que* precisa fazer
- agora ... eu acho *que:: ... eu ... espero:: ...* não ter problemas
- para ver *se:: ... se* começa a falar mais rapidamente
- e o governo se advirta de *que:: ...* educar o adulto é bom
- homens cultos *porque:: ... dh:* se eles não tinham analfabetos

f) na junção de orações coordenadas:

Tanto faz se aparece ou não o conectivo unindo as orações:

i) oração 1 {...} oração 2:

- falsificando a cultura *dh dh a* e prostruindo a arte
- nós paramos no sexto filho *e::* ... estamos muito contentes

g) na construção de negações e disjunções:

i) no uso da negação:

- você *não não não não* tá dialogando
- mas *não não não* é um grande livro
- eu *não não não* absorvi

ii) em disjunções:

- aceite Hamlet *ou::* ... ou cultura evidentemente satisfatória
- falsa cultura *o o a a a ou ou* cultura medlocre

Uma observação comum a todas as análises sobre a hesitação é que elas se situam de preferência na *cabeça das construções sintagmáticas*, em geral à esquerda do núcleo de qualquer constituinte em construção. Os exemplos acima mostram que é pouco comum as hesitações romperem sintagmas, pois elas não são atividades construtivas. Em geral, quando se hesita, os sintagmas se completam na seqüência. Elas são uma espécie de "titubeio" que sinaliza uma reorientação sintagmática. Por isso, operam na prospectiva, ou seja, referem ou indiciam e sinalizam constituintes futuros.

## 6. Funcionalidade da hesitação

Uma análise dos resultados até aqui obtidos a respeito das formas e posições da hesitação permite dizer que ela interfere particularmente na enunciação discursiva (refletindo condicionamentos pragmáticos) e nas atividades cognitivas (refletindo-se no processamento da compreensão). No geral, ela não chega a comprometer a gramaticalidade dos enunciados. Isso chega a ser surpreendente, mas, se tirarmos as hesitações de um texto, veremos que elas não tinham papel sintático algum. A rigor, tudo indica que o papel cognitivo das hesitações é o primordial, iniciando uma atividade de processamento da fala e atividades de enunciação.

Ao contrário das estratégias de construção do texto falado, tais como a repetição, a paráfrase, a correção, a parentetização, as tematizações e rematizações, a hesitação não tem funções sistemáticas no plano da formulação textual. Isso não quer dizer, porém, que a hesitação seja vista como uma simples disfunção da fala. Significa que seu papel é muito mais o de sugerir os sintomas de um processamento em curso do que o de propor alternativas de formulação textual-discursiva. Portanto, é fundamental ter presente que a hesitação é uma espécie de índice problemático da formulação e não uma atividade formulativa.

### 6.1 No jogo interacional de turnos

Uma das funções da hesitação, particularmente das pausas hesitativas, está relacionada com o jogo interacional de turnos. Quando o falante tem pouco controle do seu turno, produz pausas silenciosas maiores, mas, quando quer manter o controle do turno, as pausas silenciosas diminuem na quantidade e na duração, entrando aí as pausas preenchidas, pois o silêncio pode levar à perda do turno. Assim, falantes menos fluentes têm dificuldade de manter o turno. Segundo Rochester (1973, p. 75), isso teria algumas conseqüências interessantes, tais como:

- a) essa correlação entre quantidade e duração de pausas silenciosas e controle maior ou menor do turno vale mais para os diálogos e menos para monólogos;
- b) os silêncios aumentam em final de turno e em final de tópico;
- c) há maior equilíbrio de pausas silenciosas quando o número de falantes é constante, aumentando o preenchimento de pausas no caso de variação de falantes potenciais;
- d) acentuam-se os preenchimentos quando o falante carece de meios visuais para controle de seu turno, como no telefonema. Isso parece comprovar a interferência das variáveis de caráter interacional.

Para o caso *d*, dois tipos de variáveis entram em ação:

- i) *variáveis mediadoras*, tais como mudanças na situação da audiência e predisposição para responder aos ouvintes;

ii) *variáveis de controle*, tais como número de falantes, desejo individual de tomar a palavra.

As variáveis de (ii) tendem a reduzir o tempo e o número de pausas silenciosas, sendo as de (i) indiferentes a isso (Rochester, 1973, p. 76). Assim, torna-se interessante investigar a influência do tipo de falante e do tipo de participação do falante na relação com o gênero de texto produzido.

### 6.2 Na relação com o gênero textual

Goldman-Eisler (1972, p. 105) considera como um de seus maiores achados nos estudos sobre a hesitação o fato de que "os índices de pausa eram significativamente mais altos durante as interpretações do que durante as narrações". Isso supõe que há uma relação entre a hesitação e o tipo de texto. Essa correlação/diferença ainda não foi feita. As observações feitas no *corpus* analisado permitem afirmar que quanto mais espontânea a situação, tanto menores vão sendo as pausas silenciosas. Quanto a outras correlações, não há resultados relevantes. Contudo, a própria Goldman-Eisler (1972) chegou à conclusão de que, se havia diferenças significativas de pausas, não havia, no entanto, distinção relevante entre as duas situações discursivas particularmente em relação às pausas hesitativas.

### 6.3 Na relação com especificidades de contextos interacionais

A funcionalidade das hesitações pode ainda estar associada a particularidades de determinados contextos interacionais. Ao analisar as impressões que as hesitações das testemunhas causam nos advogados em depoimentos na Justiça, Walker (1985, p. 58) defende a tese de que, "em situações nas quais questões de verdade são importantes, o silêncio é uma faca de dois gumes por natureza; uma face representa a necessidade cognitiva do falante de organizar o pensamento e a outra a necessidade do ouvinte de atribuir motivos para uma quebra no fluxo da fala".

Esta "cabeça de Janus" da hesitação e do silêncio os torna significativos e funcionais sob o ponto de vista da interpretação. É interessante observar que, no estudo de Walker (1985), as pausas silenciosas intra e interturno foram as mais críticas, e as pausas preenchidas não foram avaliadas negativamente.

Também são mais críticas as pausas atribuídas ao respondedor, sendo menos preocupantes as pausas atribuídas ao perguntador.

### 6.4 Na busca de foco

Uma outra função da hesitação é a de marcar processamento momentâneo e problemático do texto falado, quando o falante produz hesitações em busca do foco (Chafe, 1985b, p. 79). Por exemplo, quando alguém inicia uma narrativa, ele hesita até encontrar o foco. O mesmo poderíamos dizer numa correlação com a introdução do tópico. Pode-se hesitar na hora de determinar o foco do novo tópico e isso com maior frequência quando o tópico é mais difícil (Rochester, 1973). Explica-se, assim, por um outro caminho, porque as hesitações se acumulam no início de produções discursivas, sejam elas no plano formal das estruturas sintáticas ou no plano discursivo-textual da formulação enunciativa.

## 7. Papéis formais da hesitação

De modo geral, podemos dizer que as hesitações exercem dois grandes papéis formais:

- a) indicação de orientação/reorientação de seleções sintagmáticas;
- b) atividade de busca/confirmação de seleções lexicais;

Quanto a (a), pode-se dizer que se trata de uma atividade muito comum, devido ao processamento lingüístico *on-line*. É um indício de atividade de planejamento lingüístico. Trata-se de um indicador da busca de um item lexical com a antecipação de um elemento que lhe convém formalmente. Nós dominamos as regras gramaticais e sabemos que nomes masculinos têm artigos no masculino, um nome no plural tem artigo no plural e assim por diante. A competência lingüística enquanto domínio de uma regra formal não é garantia de uso da regra, pois isso dependerá também de outras seleções, ou seja, um item lexical determina por antecipação seleções específicas de outros itens.

O problema aqui é distinguir se temos, na hesitação, um prenúncio de correção ou se temos um caso em que ainda não encontramos o item que bus-

cávamos. Nessa segunda hipótese trata-se de uma tentativa de preenchimento. Ocorre, porém, que na fala quase sempre executamos construções curtas, seqüenciadas e com alto índice de pré-fabricação. Por isso não hesitamos tanto como seria de esperar.

Quanto a (b), é fundamental ter presente que nesse caso não se trata da tese clássica de que a presença de uma hesitação diante de um nome revelaria dificuldade de encontrar aquele nome ou então uma baixa predizibilidade do item lexical. Goldman-Eisler (1968) já observa que a dificuldade de escolha de uma palavra pelo falante em qualquer ponto dependeria tanto da freqüência do uso como das restrições derivadas do contexto e da estrutura da língua. O problema envolve aspectos de freqüência, bem como aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos. A questão está em como distingui-los. Por isso é preferível formular a função acima como busca de elementos adequados, seja de natureza sintática ou lexical. As razões podem ser múltiplas e não apenas o grau de dificuldade do item procurado. Assim, entre as razões que levam a hesitar nos casos (a) e (b), estão as atividades de construção de estruturas e de identificação de referentes.

## 8. Considerações finais

Uma questão levantada logo na abertura do trabalho era a seguinte: a hesitação é uma propriedade da língua ou do falante? Talvez o problema não esteja sequer bem posto, mas aponta para a necessidade de distinguir entre o que poderíamos chamar de idiosincrasia e fatos lingüísticos. E essa questão é de difícil discussão, pois as pausas são irregulares entre os indivíduos: há os que falam pausadamente e os que falam rapidamente. Há os que gaguejam muito e os que são controlados e não gaguejam quase nada. Aqui se torna crucial distinguir entre aquilo que cabe ao falante e aquilo que cabe ao processo de enunciação.

Por fim, poderíamos postular que a hesitação seria um aspecto descontinuidador da materialidade textual, mas não do discurso, ou seja, da produção de sentidos. Na realidade, dadas as funções que a hesitação desempenha no intercâmbio comunicativo, não é pacífica a idéia de que a hesitação seja uma simples descontinuidadora da fala. Pois o texto falado, em sua materialidade, pode ser visto como uma pista relevante para a observação tanto das estratégias de formulação como das atividades verbais nos aspectos formais, interacionais e cognitivos.

## II

### INTERRUPÇÃO

Maria Cecília Pérez de Souza e Silva  
Mercedes Fátima de Canha Crescitelli\*

#### Preliminares

Designado como inacabamento, buraco ou vazio, segundo as perspectivas de análise de diferentes lingüistas (Grunig, 1986; Gülich, 1986), o fenômeno da interrupção, intrínseco da oralidade, tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor. Conseqüentemente, têm sido considerados *auto-interrupção* (exemplo 1) casos em que o próprio locutor faz uma parada no seu dizer, e *heterointerrupção* (exemplo 2) as paradas que são provocadas pela tomada de palavra por parte do interlocutor. As interrupções estão marcadas a seguir com barras duplas em negrito:

(1)

Inf. – olha O:: Carlitos conseguiu comer um par de sapatos né? ... mas comer a:: a imagem na pedra ia ser bem mais difi // precisava de dentes MUITO mais fortes que eu acho que não havia não

(EF SP 405: 227-31)

(2)

L1 – o que nos mata sobretudo é a pressa é a pressa de cada dia

L2 – isso não/ a pressa de cada dia éh éh éh éh::: // é a pressa de cada dia

L1 – dessa dessa você não se livra mais

{

L2 – ah: isso não

L1 – essa é uma conseqüência da civilização/ mas a gente deve parar um pouco então aliás

L2 – você pode ter pressa //

(D2 REC 05: 204-9)

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.